



A CAÇA DE ANIMAIS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA CUSTANEIRA, EM PAQUETÁ DO PIAUÍ: ENTRE MITOS E CRENÇAS

Animal hunting in the Custaneira Maroons Community, in Paquetá do Piauí: between
myths and beliefs

João Victor de Oliveira Sousa¹
Luciano Silva Figueirêdo²
Fábio José Vieira³
Ermínia Medeiros Macedo⁴
Janaína Alvarenga Aragão⁵

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo conhecer a prática da caça de animais da fauna regional e a relação com o sagrado na comunidade tradicional quilombola Custaneira, em Paquetá do Piauí. De forma mais específica propõe-se relatar a influência da caça de animais, sob a vivência dos habitantes da Comunidade Custaneira, relacionando a caça de animais na comunidade estudada com a prática racional de utilização de recursos ambientais, identificar os animais que são caçados na comunidade através de uma recensão e apresentar mitos de caçadores relacionados as suas crenças. A pesquisa foi feita a partir da abordagem exploratória, com observação sistemática, pesquisa documental e abordagem etnográfica. Para instrumentalização da pesquisa utilizou-se entrevistas semiestruturadas, observação participante e registro audiovisual. Para dar subsídio teórico utilizou-se autores como Araújo (2011), Brandim (2007) Bernard (1994), (2013), CBRO (2015), dentre outros. O estudo procurou observar as características da prática da caça na Comunidade Custaneira, bem como, a forma de utilização da fauna regional e a relação com o sagrado nessa comunidade.

Palavras-chaves: Caça de animais; Fauna regional; Sagrado; Comunidade Quilombola.

Abstract

The present research has as objective to know the practice of hunting of animals of the regional fauna and the relation with the sacred in the traditional maroon community Custaneira, in Paquetá do Piauí. It is proposed to report the influence of hunting animals, under the experience of the inhabitants of the Custaneira Community, / relating the hunting of animals in the community studied with the rational practice of using environmental resources, identifying animals that are hunted in the community through a review and present myths of hunters related to their beliefs. The research was made from the exploratory approach, with systematic observation, documentary research and ethnographic approach. For instrumentalization of the research, semi-structured interviews, participant observation and audiovisual recording were used. To provide theoretical support, we used authors such as Araújo (2011), Brandim (2007) Bernard (1994), (2013), CBRO (2015), among others. The study sought to observe the characteristics of hunting in the Custaneira Community, as well as the way of using the regional fauna and the relationship with the sacred in that community.

Keywords: Animal hunting; Regional fauna; Sacred; Maroon community.

¹ Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Piauí e professor do Centro Universitário UNIBTA.

² Professor Doutor da Universidade Estadual do Piauí.

³ Professor Doutor da Universidade Estadual do Piauí.

⁴ Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Piauí e professora da Universidade Estadual do Piauí.

⁵ Professora Doutora da Universidade Estadual do Piauí.



Introdução

O século XVIII é marcado por profundas transformações no mundo capitalista e na colônia portuguesa, estruturada em território, do que mais tarde viria a constituir o Brasil, surgia um movimento de rebeldia em isolados pontos, liderados por fugitivos negros que buscavam refúgio em mata fechada, onde estabeleceram comunidades denominadas "Quilombos". Embora o objetivo fosse conquistar a liberdade, eles não se desvincularam do trabalho, porque essa era a forma de garantir sua sobrevivência e a de seus descendentes (PARDO, 2007).

As Comunidades Quilombolas são grupos étnicos predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana, que se auto definem a partir das relações com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias (INCRA, 2012).

A Política Nacional de Desenvolvimentos Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT) é uma ação do Governo Federal que busca promover o desenvolvimento sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, com ênfase no reconhecimento, fortalecimento e garantia dos seus direitos territoriais, sociais, ambientais, econômicos e culturais, com respeito e valorização à sua identidade, suas formas de organização e suas instituições (PNPCT, 2007). Destaca-se que as comunidades tradicionais são grupos que se diferenciam culturalmente e que se reconhecem enquanto tradicionais, pois possuem suas próprias formas de organização social, ocupando territórios e utilizando recursos naturais.

Nesse universo, em que nada se cria e tudo se apropria, vivem diferentes grupos, humanos ou não-humanos, vivos ou mortos, relacionados como meta-afins (DESCOLA, 1998; TAYLOR, 2000), trazendo a liberdade religiosa e a proteção da fauna e flora, a ser fundamentada com estima e respeito.

Nessa perspectiva, em que se fala dos quilombolas e da necessidade de valorização dessas comunidades, buscando conservar sua identidade e sua cultura, bem como de sua proteção e garantia de seus direitos, surge o interesse de observar a prática da caça nessas comunidades que tem grande importância para a o povo quilombola e possui relação com o sagrado.

Refletir sobre o sagrado implica compreender o que este vem a ser, assim, Eliade (1996) expõe seu pensamento e interpreta que o sagrado é justamente aquilo que se opõe ao profano e



é justamente nesse ponto que se encontra o maior obstáculo em relação a determinação entre o que é sagrado, pois não existe nenhuma fórmula cunhada para determinar o que é e o que não é profano.

Nesse sentido, Brandim (2007) compreende que o sagrado se faz presente na vida de cada um. O autor aponta que o sagrado é a oração que se faz pela manhã, é a benção que se recebe do pai e da mãe, é o escapulário que se coloca no pescoço acreditando que ele vai lhe proteger, é o santuário e a crença em um santo. O sagrado é representado pela relação de respeito, na qual as pessoas jamais pensam em quebrá-la, o respeito é essencial, o sagrado é a fé que move as pessoas.

Desse modo, quando procuramos observar na Comunidade Quilombola Custaneira, Paquetá do Piauí, no tocante à caça de animais e a sua relação com o sagrado, essa interpretação do que vem a ser o sagrado é essencial, pois este é a fé que move os sujeitos e que, portanto, os leva a determinadas ações.

No caso da caça na Comunidade Quilombola Custaneira, Paquetá do Piauí, está ligada a relação que seus moradores possuem com o sagrado e, assim, este move suas vidas e faz parte de sua jornada, a relação que possuem com a natureza.

Lima (2008) esboça um olhar sobre a relação entre caçadores e animais que nos permite contemplar um principiar da relação entre caça e sagrado. Segundo o autor os caçadores de uma terra indígena trocam olhares com as jiboias sempre que as encontra, estes mesmos caçadores acreditam que esse olhar leva os mesmos a se tornarem bem-sucedidos em suas caçadas.

Ainda segundo Lima (2008) os caçadores indígenas associam o encontro com as cobras com o sucesso das caçadas. Encontrar uma cobra grande requer pedir que a caça seja proveitosa, acreditando que os demais animais estão sob o domínio das cobras. Cabe ressaltar que os indígenas, assim como os quilombolas têm uma relação com a natureza, com os recursos que provêm da mesma e, assim, uma valorização da caça.

Figueiredo e Barros (2016) estudando a comunidade na Amazônia e os quilombolas contam que quando caçam a noite têm medo do espírito de *Anhanga* que pode atacá-los e fazer mal. Essa é uma narrativa mítica que ronda a caça, esse espírito é visto como uma figura maligna que pode assumir a forma de diversos animais.

Dessa maneira, o estudo procura observar a prática da caça na Comunidade Custaneira em Paquetá do Piauí, as suas características, comprovando que os habitantes da comunidade



utilizam da fauna regional e que a caça mantém uma relação com o sagrado nessa comunidade, uma relação que é relevante ser observada, pois é mais um aspecto que caracteriza essa relação.

Partindo desses pressupostos, o presente trabalho tem como objetivo conhecer a prática da caça de animais da fauna regional e a relação com o sagrado na comunidade tradicional quilombola Custaneira, Paquetá do Piauí.

Metodologia

Paquetá do Piauí é um município do estado do Piauí e tem uma área territorial de 448,4 quilômetros quadrados. Segundo o censo 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), possuía uma população de 4.147 habitantes. Paquetá é uma palavra com origem na língua tupi, que significa “muitas pacas”. Paca é uma espécie de roedor encontrado comumente nas mediações regionais da caatinga, vegetação predominante do local. Paquetá se localiza no sudeste do Estado, é pertencente à microrregião de Picos, tendo os municípios limítrofes, Santa Cruz do Piauí, São João da Varjota, Dom Expedito Lopes e Picos, com a distância de 302 quilômetros da capital, Teresina.

A Comunidade Custaneira está localizada a oito quilômetros da cidade de Paquetá do Piauí. É uma comunidade tradicional quilombola que tem na agricultura familiar de subsistência a principal fonte de desenvolvimento econômico local. Sua população é totalmente composta por afrodescendentes, como são denominados os descendentes de negros escravizados. Suas práticas religiosas estão ligadas a cultos de origem na África do Sul. A comunidade resiste a anos de luta pela conquista de representatividade, hoje é liderada pelo Pai de Santo local, Arnaldo Lima, conhecido como Naldinho, líder tanto nos cultos, como na luta pelos seus direitos.

Assume-se que a pesquisa foi feita a partir da abordagem exploratória de acordo com Metring (2009), de um estudo misto entre as relações etnobiológicas para a construção ambiental e a conservação. Tratando-se com uma pesquisa que tem como objetivo proporcionar maior familiaridade do pesquisador com o objeto que está sendo investigado, compreendendo o fenômeno estudado.

Conforme Gil (1999), a pesquisa de ensaio tem o objetivo de propiciar a familiaridade com relação ao problema pesquisado, enfatizando o aprimoramento de ideias ou a descoberta



de intuições. Tendo um contato de primeiro grau, onde os métodos de coleta de dados surgem a partir da interação social, com as pessoas da comunidade.

Os sujeitos da pesquisa são os quilombolas e seus descendentes residentes na Comunidade Custaneira, na cidade de Paquetá do Piauí. Onde praticam cultos às divindades de religiões afrodescendentes da Umbanda.

Antes da coleta de dados na comunidade, foi realizada uma reunião para uma apresentação prévia do estudo com as lideranças quilombolas e a população. No intuito de obter as informações necessárias para alcançar os objetivos propostos pela presente pesquisa foi utilizada a observação sistemática (MARCONI, 2009), pesquisa documental (GIL, 2011) e abordagem etnográfica (FLICK, 2009). Para instrumentalização da pesquisa se utilizou de entrevistas semiestruturadas, observação participante e registro audiovisual.

Para a coleta dos dados foi realizada uma entrevista junto à Comunidade Quilombola através de um questionário semiestruturado. A cada orixá contemplado em seu dia do ano, é disponível um animal para caça, onde é dado como oferta de desejos pessoais e subsistência para a comunidade, que entram em paralelo a questões de bem-estar e conquistas (CAMPOLIM, 2016). É a partir desse quesito que esta pesquisa foi desenvolvida, com observações voltadas a forma como é dada essa caça e métodos de captura desses animais, que, para a comunidade, é a apenas uma fonte de alimentação.

Foram tratados os apêndices ambientais e conservação ambiental, visto que a matança desses animais pode levar a um impacto na fauna e cadeia alimentar regional, tratando o sistema ecológico como recurso ambiental para a prática, levando em conta o conhecimento empírico dos habitantes da comunidade.

Após a coleta foram tabelados os dados, assim como uma lista de animais que são caçados na região da comunidade. A partir do seu nome popular foi feita a busca taxonômica na plataforma do Catálogo Taxonômico da Fauna do Brasil (CTFB), esta busca foi mediante o seu ranque taxonômico, posto na tabela as respectivas, classe, família, espécie e o seu nome popular, com o intuito de separar os animais caçados, assim como, diferenciado as formas a quais esses animais são caçados. Para a análise dos dados foi empregada à apreciação de conteúdo, iniciando pela transcrição de entrevistas, e documentos em planilhas do *Microsoft Excel*.



Relação das comunidades quilombolas e o meio ambiente: seu espaço de vivência

A utilização de recursos ambientais pelo homem é uma estratégia de sobrevivência desde a pré-história, contudo na atualidade ela tem levado a exploração constante do meio ambiente, diversas implicações estão presentes na utilização dos recursos do ambiente o que leva a polêmicas discussões sobre o emprego desses recursos. A utilização de recursos naturais é prática comum em todas as comunidades, muitas vivem do extrativismo vegetal e animal, sendo uma realidade vivenciada nas Comunidades Quilombolas, onde tem a função de manter as necessidades das famílias (RIBEIRO *et al.*, 2007).

Quando se observa a questão da utilização de animais em rituais de sacrifícios, atenta-se para preocupação ecológica existente sobre o meio ambiente, pois estes necessitam fazer seus rituais, porém existe a questão do direito que é a proteção dos animais, assim, observa-se que a prática pode interferir no equilíbrio ecológico pelo fato da morte de animais (ORO; CARVALHO; SCURO, 2017).

Observa-se, ainda, no referente a utilização de recursos ambientais que o tratamento cruel à animais e o sacrifício através de veneno ou outros métodos enquadra-se na lei dos crimes ambientais, mas as religiões de matrizes africanas não se enquadram como crime ambiental, pois vincula-se a liberdade religiosa, sendo que o sacrifício faz parte da religião e de suas crenças (DOMINGUES, 2015).

As comunidades que praticam o sacrifício de animais têm a possibilidade de preservar esse recurso ambiental para que não venham a causar a extinção dessa espécie, elas podem buscar a criação de animais usados em rituais para que não ocorra desequilíbrio ambiental das espécies utilizadas, sem contar que alguns animais não podem ser sacrificados de forma alguma, dada o fato de estarem sujeitos a total extinção (LEITE, 2013).

Assim, a utilização de todo e qualquer recurso ambiental deve ser totalmente cuidadosa para que seja conservado os recursos necessários a sobrevivência das espécies, as comunidades que praticam sacrifício de animais, devido as suas crenças e tradições religiosas, precisam considerar a preservação dos animais em sua forma de agir.

As Comunidades Quilombolas possuem uma maneira muito especial de se relacionarem com o meio ambiente, à maneira como trabalham a terra, os recursos que extraem da natureza, as suas práticas cotidianas no espaço em que vivem. Isso se deve a construção histórica dessas comunidades, sendo que seu espaço era lugar de luta, de resistência e sobrevivência.



Nesse sentido, Araújo (2011, p.87) comenta:

Historicamente, os quilombos foram espaços de resistência e de sociabilidades de negros/as, em sua luta pela liberdade devido à opressão a que estavam expostos na sociedade brasileira. Esses espaços consistiram em um importante agrupamento de homens e de mulheres que, em busca de sua liberdade e em oposição ao regime escravista, constituíram formas e modos de viver e articular a luta contra a dominação escravista e foram construindo formas de organização social e cultural, laços de compadrio e modos de empreender as lutas pela liberdade, a partir da qual firmaram seu lugar social de pertença, pois neles eram configuradas diferentes relações sociais. Os quilombos consistiram, pois, em lugares em que negros/as, na condição de escravizados, organizaram-se e empreenderam suas lutas contra as diversas formas de violência a que estava posto esse segmento social, no Brasil, tanto no período colonial quanto no imperial.

Os quilombos foram espaços de luta pela liberdade e de um modo de vida singular, onde os negros que fugiam do regime escravista puderam exercer práticas que faziam parte de sua cultura e que trouxeram consigo da África em consonância com as características dos locais em que se estabeleciam. Nesses locais era preciso buscar possibilidade de existir e resistir, é nesse sentido que as Comunidades Quilombolas possuem maneira própria de se relacionar com o ambiente em que vivem (ARAÚJO, 2011).

Contudo, quando se pensa a respeito da vida nas Comunidades Quilombolas, da relação dos mesmos com o meio ambiente, Martins (2012) comenta que a vida nessas comunidades se encontra muitas vezes desconhecidas historicamente, como se tais não fizesse parte da história do Brasil, ou como se não existissem mais quilombos no território brasileiro. No entanto é preciso lembrar da existência das Comunidades Quilombolas e buscar conhecer seu modo de vida e a forma como se relacionam com o ambiente em que estão inseridas.

Os lugares que as Comunidades Quilombolas ocupam na atualidade são terras sem dono, fazendas que foram abandonadas e as características do meio ambiente determinam a relação deste com as comunidades, assim, são áreas que ficam distante das cidades, enfrentam vários problemas como a localização em relação a outras áreas, pois são de difícil acesso uma vez que eram escondidas dentro de muitas chapadas (MARTINS, 2012).

Figueiredo e Barros (2016), ao estudarem a Comunidade Quilombola Joana Peres, localizada na Reserva Extrativista Ipaú-Anilzinho, uma unidade de conservação situada no município de Baião, Pará, Amazônia brasileira, ressaltam um pouco a respeito de sua relação com o meio ambiente, destacando que as famílias realizam diversas atividades produtivas ao



longo do ano nas terras que habitam, atividades de plantação, de colheita na roça, coleta de frutos, pesca e caça.

Nesse ambiente, Figueiredo e Barros (2016) ressaltam que os quilombolas estabelecem junto ao ambiente que vivem uma relação de dependência dele, onde dependem dos recursos que esse ambiente lhe oferece e tira do mesmo aquilo que necessitam para manterem-se, subsistirem.

Silva et al. (2010) estudaram a Comunidade Quilombola Morro do Boi, em Santa Catarina, e destacam a relação desta com o meio ambiente, ajudando-nos a compreender como é a relação entre quilombolas e o espaço em que vivem. Assim, esses autores acreditam que a maneira como se dá a relação da Comunidade Quilombola com o meio ambiente, se deve a maneira histórica como se deu a ocupação do espaço: a comunidade vive praticamente da agricultura e da caça, onde ocorre o preparo do solo todo de maneira braçal, a plantação e a colheita.

Dessa forma, podemos compreender que a base de existência dos quilombolas é a natureza, desta retiram os alimentos que precisam para sobreviver. Com o meio ambiente estabelecem uma relação de dependência, a agricultura e a criação de animais garantem a subsistência, assim como a caça.

A fauna de um ambiente é importante para a subsistência de uma população, sendo que nas comunidades Quilombolas a caça teve grande destaque para a sobrevivência de seus moradores.

Figueiredo e Barros (2016) estudaram as estratégias de caça de uma Unidade de Conservação no Amazonas e destacaram que historicamente os homens se relacionaram com os animais, desde os primórdios da humanidade, pois a caça trazia alimentos que garantiam a sobrevivência dos homens.

Em outro estudo de Figueiredo e Barros, também realizado no ano de 2016, destacaram que a caça de animais silvestres desempenha um papel preponderante na produção física e simbólica de famílias rurais em diferentes lugares do planeta. A caça tem papel importante no provimento do alimento de famílias em diferentes regiões do mundo, em diferentes culturas, por isso, é uma prática cotidiana na vida de muitos, a alimentação de subsistência é o motivo mais representativo da caça.

Para Figueiredo e Barros (2016, p. 692) a



[...] caça está inserida numa rede de escolha e utilização de alimentos altamente influenciada pelos padrões ecológicos, econômicos e culturais que regem seu contexto social. No entanto, tem-se pouco conhecimento sobre os diferentes aspectos que estruturam e regulam o uso da fauna silvestre em práticas alimentares, especialmente entre os povos tradicionais do Brasil. Tem-se uma grande carência de estudos que incorporem melhor a compreensão da caça como uma atividade que estabelece conexões entre a ordem material e imaterial nos modos de apropriação da natureza, tendo em conta que as relações dos seres humanos com seus ambientes abrangem questões de ordem perceptiva, cognitiva e prática sobre o território [...]

Assim, é relevante a discussão acerca da caça e de seu papel junto à subsistência de populações, sobretudo, pelos quilombolas. A escolha desse tema tem justificativa ecológica, econômica e cultural, como é de conhecimento que historicamente os homens tiveram que empreender a caça para conseguirem se manter e sobreviver. Para as comunidades Quilombolas a caça teve grande importância e ainda tem, pois a vida nesses espaços sempre foi de luta para conseguir vencer os desafios que enfrentavam, como a fome, assim, a caça tem grande importância para alimentação e subsistência das comunidades Quilombolas.

Silva et al. (2010, p. 56), ao estudarem o Quilombo Morro do Boi, trazem considerações importantes da relação dos quilombolas com a caça de subsistência:

Outra atividade rotineira, da vida cotidiana era a caça. Os homens embrenhavam-se na floresta e através da caça, conseguia-se carne. Os animais mais caçados eram as aves e as pacas. “[...] Tinha gente que mora aqui em cima mesmo, caçava e descia com a cintura rodeada de passarinho”. Para as caçadas, os homens levavam espingarda, facão e os cachorros. Nessas caçadas, acabavam encontrando tatu, gambá e tamanduá. A pesca, em pequena proporção, também era realizada.

Assim, a caça se constituía em uma atividade básica para subsistência da referida Comunidade Quilombola, sendo uma prática rotineira realizada pelos homens que se embrenhavam na floresta para praticarem a caça, o que garantia que em sua alimentação a carne estivesse presente.

Ainda segundo Silva et al. (2010), a caça sempre foi realizada pelos quilombolas do Morro do Boi juntamente com uma agricultura de subsistência, assim a caça era naturalmente praticada, sendo que com práticas agrícolas garantem o sustento das famílias.

De acordo com Ribeiro et al. (2007), as atividades ligadas a natureza sempre tiveram grande valia para as Comunidades Quilombolas, a utilização dos recursos naturais é prática comum em todas as comunidades, sendo que a prática da caça é notória na maioria delas, onde



recorrem a mesma para se alimentarem, as espécies caçadas são fonte de proteína e colaboram de maneira singular para a alimentação nessas comunidades.

Para Figueiredo e Barros (2016), a caça estabelece uma relação singular entre homem e natureza, entre o homem e o ambiente em que vive, como a caça é uma atividade de grande importância para as comunidades Quilombolas a população se organiza e participa do trabalho de caça, a fim de garantir sua subsistência.

Geralmente são muitos os animais caçados e que fazem, portanto, parte da alimentação das comunidades Quilombolas, sendo que ganham importância para a subsistência da população e garantem uma alimentação variada. Para que a caça contribua significativamente para a subsistência das comunidades Quilombolas é importante os conhecimentos tradicionais da caça nas mesmas.

Para que a caça contribua de maneira significativa na alimentação das populações quilombolas, o conhecimento adquirido pelas mesmas acerca da prática e que passa de geração para geração é relevante para que essa seja uma atividade bem-sucedida e que garanta alimentos que enriqueçam o cardápio dessa população. As populações dessas comunidades Quilombolas costumam fazer armadilhas para pegar os animais que servem em sua alimentação (SILVA *et al.*, 2010).

As escolhas alimentares, o que caçar, as preferências, também definem os conhecimentos que se tem acerca da prática da caça nas comunidades Quilombolas. A caça é uma atividade realizada pelos homens, que conhecem as características físicas da região e a forma de acesso a diferentes lugares, conhecem também hábitos e comportamento dos animais que caçam, isso ajuda a formular estratégias de caça (FIGUEIREDO; BARROS, 2016).

Os conhecimentos acerca da caça provêm do fato de que o homem se insere na mata e que esse acaba por ser seu lugar, cada vez que se embrenha nela percebe algo novo e acumula conhecimentos que lhe ajudam a obter sucesso nessa prática (FIGUEIREDO; BARROS, 2016).

A caça é a garantia de carne na mesa, por isso saber os hábitos dos animais, do que se alimentam, quais armadilhas podem ser mais eficientes para capturá-los, o conhecimento muitas vezes é proveniente dos seus antepassados, desde que enfrentaram a ira e a perseguição dos senhores de engenho, dos donos de escravos e se escondiam nas terras isoladas e distantes onde formavam os quilombos (SILVA *et al.*, 2010).

Segundo Figueiredo e Barros (2016, p. 224):



No meio rural, a fauna silvestre sempre ocupou lugar importante na cultura e na economia de diversos grupos humanos representados por povos e comunidades tradicionais, incluindo os povos indígenas, que se apropriam dos recursos naturais por um repertório de conhecimento ecológico que geralmente é local, coletivo, dinâmico e transmitido de geração a geração [...]. O conhecimento ecológico tradicional (CET) é característico dos povos tradicionais e expressa um corpo cumulativo de saberes, compreensões, hábitos e crenças acerca das relações dos seres vivos (incluindo os humanos) entre si e destes com seus ambientes [...] A construção desse conhecimento se dá por meio das relações que cada grupo ou sociedade étnica estabelece com a natureza. Esse movimento de valorização dos conhecimentos dos povos tradicionais, desde que esses atores se libertaram da natureza e assumiram identidades coletivas [...].

Dessa forma, os homens sempre mantiveram relações com a natureza e com os animais e foram utilizando estratégias que permitiram se apropriar dos recursos naturais, construindo saberes, valorizando os conhecimentos adquiridos dos antepassados. Sendo que o conhecimento é resultado da acumulação de saberes característicos dos povos tradicionais.

Apresentaremos no próximo item os caminhos percorridos para a realização da presente pesquisa.

Mitos e crenças da caça de animais na comunidade Quilombola Custaneira, Paquetá do Piauí

Foram entrevistados três homens com idades variando de 17 a 78 anos. Na comunidade Quilombola Custaneira, homens e mulheres estão inseridos na prática da caça, no entanto, nenhuma das mulheres foram encontradas nos momentos em que foram coletadas as entrevistas. Todavia, os habitantes da comunidade souberam informar que desde o passado existiram mulheres caçadoras na comunidade Custaneira. Os caçadores têm entre si a relação de parentesco e de amizade, onde o convívio constante faz com que a caça seja uma tradição que vai passando de um para o outro.

Figueiredo e Barros (2016) ressaltaram acerca da caça em comunidades tradicionais percebe-se a relação desses homens caçadores da comunidade Custaneira com a fauna silvestre uma característica do meio rural. Os homens do Quilombo Morro do Boi também tinham essa relação com a caça, sendo comum se embrenharem na mata em busca de animais que servissem de alimentação.



Os entrevistados mencionaram o total de 14 espécies de animais que são caçadas, sendo oito aves, distribuídas em seis famílias e oito gêneros; e seis mamíferos pertencentes a quatro famílias e a seis gêneros (Tabela 1).

Tabela 1 - Lista de animais caçados na comunidade quilombola Custaneira, Paquetá do Piauí.

CLASSE	FAMÍLIA	ESPÉCIE	NOME POPULAR	ARMADILHAS
Aves	<i>Cracidae</i>	<i>Anas flavirostris</i> (Temminck, 1815)	Jacu	Espingarda
Aves	<i>Columbidae</i>	<i>Malacoptila fusca</i> (Bonaparte, 1855)	jurití	Espingarda
Aves	<i>Columbidae</i>	<i>Patagioenas picazuro</i> (Brisson, 1760)	aza branca	Espingarda
Aves	<i>Columbidae</i>	<i>Zenaida auriculata</i> Linnaeus, 1758	avoante	Baladeira
Aves	<i>Dasyproctidae</i>	<i>Dasyprocta azarae</i> (Lichtenstein, 1823)	cutia	Arapuca
Aves	<i>Falconiformes</i>	<i>Falco columbarius columbarius</i> (Linnaeus, 1758)	rolinha	Baladeira
Aves	<i>Phasianidae</i>	<i>Colinus fuscicollis</i> (Linnaeus, 1758)	codorniz	Espingarda
Aves	<i>Tinamidae</i>	<i>Cryptellus parvirostris</i> (Linnaeus, 1758)	lambu	Espingarda
Aves	<i>Tinamidae</i>	<i>Cryptellus noctivagus zabele</i> (Temminck, 1820)	zabelé	Espingarda
Aves	<i>Tinamidae</i>	<i>Rhynchotus rufescens</i> (Lesson, 1831)	perdiz	Espingarda
Mammalia	<i>Caviidae</i>	<i>Cavia aperea</i> (Erxleben, 1777)	preá	Arapuca/ cães
Mammalia	<i>Caviidae</i>	<i>Kerodon rupestris</i> (Wied-Neuwied, 1820)	mocó	Arapuca/ cães
Mammalia	<i>Chlamyphoridae</i>	<i>Euphractus sexcinctus</i> (Linnaeus, 1758)	tatupeba	Espingarda/ cães
Mammalia	<i>Cuniculidae</i>	<i>Cuniculus paca</i> (Linnaeus, 1766)	paca	Arapuca/ cães
Mammalia	<i>Echimyidae</i>	<i>Thrichomys apereoides</i> (Lund, 1839)	rabudo	Arapuca/ cães

Na comunidade Quilombola Custaneira em Paquetá do Piauí, a população interage diretamente com a fauna e flora silvestre, com valores sustentáveis e religiosos, de maneira que a caça de animais colabora para sua subsistência.

A fauna e a flora sempre foram marcantes para as comunidades quilombolas, pois comumente sempre buscaram nos mesmos alimentos sua sobrevivência, da flora eram utilizadas as folhas, raízes, cascas e frutos de plantas, animais silvestres também eram presença na alimentação das comunidades quilombolas, contudo, estes foram recuando cada vez mais



para a mata e hoje as comunidades já compreendem a necessidade de preservação de algumas espécies (DEUS; TUBALDINI; CAMPOS, 2009).

Considerando que o bioma predominante local é a Caatinga apresentando uma vegetação esparsa com árvores baixas, gramíneas e arbustos, é notável que a maioria dos animais que são caçados tem hábitos terrestres, sendo assim facilitando a sua captura, diferentemente do aquático que na Caatinga são intermitentes, secando durante as estiagens diferidas, portanto a maioria desses ambientes é perenizado artificialmente através da construção de açudes, sendo esse um fator ao qual dificulta a caça de animais com hábitos aquáticos. Estas evidências podem indicar que a população ainda permaneça estável em seu habitat (FERNANDES; QUEIROZ, 2018).

No entanto, futuramente pode ser resultado de uma série de fatores que venham a complicar a vida desses animais na comunidade, caso a sua caça seja excessiva podendo chegar à extinção local, mesmo que a temporada de caça seja somente durante o inverno.

Ao longo da entrevista o Mestre Naldo, líder da Comunidade, afirmou “*aqui os meninos aqui é mais pouco, não tem mais porque a gente não abre espaço, inclusive aqui tem uns que botaram até placa dizendo que não aceita, mas aqui os menino caça é pra o consumo*” (sic). A partir disso foram feitos acordos entre os moradores da comunidade que não seria permitida a morte da caça ela estando prenha, ou seja, nos termos biológicos que esses animais não estivessem em períodos férteis ou em processos de gestação.

O sistema foi decretado pelo padrao da mãe do Mestre Naldo conhecido como Seu Matias, e isso prevalece até os dias de hoje. O período de caça só é iniciado na época das “primeiras águas”, no período de início do inverno, logo as chuvas que caem depois do verão, em meados do mês de março, consideradas importantes para os moradores da comunidade. Com base nessas chuvas eles fazem a previsão de um inverno próspero ou não. Contudo, as aves da Caatinga possuem hábitos sazonais, que geralmente são típicas do período referido, sendo assim mais abundantes no inverno (LEAL; SILVA, 2003).

Os horários de caça dependem da demanda do animal que irá ser caçado, caso o animal tenha hábitos diurnos, caça-se durante o dia sendo eles por maior parte as aves, mas se o animal tem um hábito noturno caça-se a noite, assim como o tatupeba e demais espécies de mamíferos. Sendo assim essa uma influência para as técnicas de caça baseando-se no comportamento do animal, como a predominância diurna das espécies de aves relatadas na Tabela 1, todas as



técnicas de captura relatadas apresentam semelhanças com as estratégias de abate bem como essa prática diurna facilitada com a luz do dia. Torna-se fundamental o uso de cachorros para auxiliar na captura dos animais e guiar o caçador até o encontro da presa na caça noturna, atribuindo os cães ao sistema de desarme protegendo o caçador de qualquer fiscalização.

Para começar a praticar a caça na comunidade não existe uma restrição sexual e nem muito menos uma faixa etária que venha a proibir o exercício, no entanto é necessário que o caçador ou a caçadora tenha uma relação de responsabilidade e respeito com o local o qual será caçado, todas as vezes que um caçador adentrar na zona de caça, se faz importante pedir permissão aos orixás e guias que representam os zeladores do ambiente, é essencial que peça a proteção do Santo Onofre o padrinho dos caçadores, esse pelo sincretismo religioso é conhecido na umbanda, religião afrodescendente, como Ossain, o orixá das ervas litúrgicas e medicinais que tem o poder de curar por elas.

Existem casos de moradores que desfiaram entrar na mata sem a permissão dos orixás e protetores da mata, relataram que sofreram certa repressão, assim como a falta de animais para a caça. Mesmo que eles insistam na procura de animais, dificilmente conseguem encontrar algum para o abate, e a persistência desse ato pode resultar em agressões físicas vindas do sobrenatural como cipoadas e tropeços.

Relato de um morador da comunidade: *“meu pai mesmo conta que um dia ele saiu pra caçar meio desenganado quando cuidou que não começou a escutar uns assobios, de longe, mas não se importou muito, ai ele disse que só sentiu uma sipuada nas costas, foi ai que ele deu fé de que era o pai da mata, e voltou logo pra casa, lembro bem quanto eu era menino ele chegando em casa meio aturduado, com um medo danado, depois desse dia ele nunca mais entrou na mata sem rezar antes” (sic).*

Dessa forma, os quilombolas relatam que era preciso ter permissão para caçar, para adentrar na mata, essa permissão vinha de uma relação de fé, de acreditar no mito do pai da mata que protegia a mata e os animais, os caçadores acreditam no mesmo e associam sons e movimentos estranhos que escutam na mata com esse ser e que quando isso acontecia era porque este não havia consentido com a caça.

Sabe-se que na atualidade a permissão para caçar esta arraigada a leis que regulamentam a mesma, devido aos impactos demográficos e ao ecossistema que ela causa, sendo que o direito da caça de subsistência, como a que é realizada pelas comunidades tradicionais é respaldada



pelo princípio da dignidade humana, previsto na Declaração dos Direitos Humanos e na Constituição Federal que rege o país, assim como pelo Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN) que abrange as populações humanas rurais, tendo de respeitar a Lei de Proteção a Fauna (Lei nº 5.197/1967) (PEZZUTI, 2018).

Com relação aos métodos de caça, são utilizados por homens ou mulheres que são designados para a tarefa, estes são conhecimentos passados de pai para filho, empiricamente, já com a finalidade da alimentação vinda da caça, são estes métodos ainda muito tradicionais.

Nesse contexto faz-se notório a existência do conhecimento tradicional que significa uma forma de conhecimento ou expressão de vínculo de tradição com uma comunidade, um tipo de conhecimento desenvolvido, sustentado e repassado dentro de uma mesma comunidade através de sistemas tradicionais de transmissão específicos (MENDES; CONSTANTINO; PINHEIRO, 2015).

Para pegar a caça é necessário que tenha um preparo, existem técnicas para que isso seja feito, são eles os principais “a espera”, que consiste em esperar em um lugar aonde os animais vem em busca de alimento e água, essa praticada em horários “de sol frio” este logo cedo da manhã.

Os caçadores que utilizam o método de espera geralmente abordam os animais com espingardas que consiste em uma arma de fogo com um cano longo e com um tiro preciso, sua munição consiste em espoleta, bucha, chumbo e pólvora, esse tipo de arma de fogo é fabricada com o intuito da caça, mas nem todas as armas dos caçadores locais são devidamente regulamentadas perante a lei, essa constitui como ferramenta básica para muitos caçadores da região pesquisada.

E os estilingues conhecido como “baladeira”, utilizada para caçar pequenas aves, composto por uma forquilha de madeira, envolvida com um elástico, a sua munição é de pequenas pedras e é necessária uma precisão de mira objetiva para acertar a presa. O de “arapuca” é o método de captura da espécie viva, é uma armadilha feita a partir de madeira extraída do mameleiro (*Ruprechtia laxiflora* Méis). A arapuca, comumente utilizadas pela comunidade tradicionais, utilizada é sustentada por gravetos em posição inclinada, para atração dos animais a nessa armadilha é posto algum alimento como isca, este de preferência do animal ao qual é desejado para ser capturado, assim quando o animal aproxima-se para alimentar, os gravetos se despençam e o animal fica preso no interior da armadilha, até que o caçador chegue



para sua soltura, é quase inevitável fugir, para que o animal chegue até a arapuca é necessário que o caçador seja um “chamador”, possuindo habilidade de assobio que imita os animais, o animal é abatido assim quando capturado.

Assim como também os caçadores contam com o auxílio de cachorros para a caçada, estes são farejadores e conseguem encontrar através do cheiro alguns roedores que são consumidos pela comunidade, esta geralmente acontece no período noturno e em áreas de vegetação preservada.

Segundo o CBRO – Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos Brasil abriga uma das mais diversas avifaunas do mundo, com mais de 1.919 espécies, sendo assim elas um alvo mais acessível para abate. As aves foram o grupo taxonômico mais citado, provavelmente devido a sua maior diversidade e abundância no semiárido em relação a mamíferos ou répteis (BRASIL, 2019).

De acordo com as tradições da comunidade existem os dias de caça, que seriam de terça para quarta-feira seguindo até o sábado e domingo, no entanto da segunda para terça-feira não seria um dia apropriado, devido à crença e para a prática vinda de divindades a qual eles cultuam. Todas as vezes que os moradores saem para caçar é necessário pedir a permissão as divindades das religiões de matizes africanas que estão ligadas de alguma forma ao ambiente em que eles irão desbravar, seria esse Oxóssi (pai das matas), caboclos e vaqueiros, assim como acreditam eles que são essas divindades que preservam todo o espaço o qual eles vivem, como prevenção do meio.

A caça praticada pelas comunidades quilombolas, como a Custaneira estava envolta em mitos que são narrativas de caráter simbólico e imaginário que vai evoluindo com as condições históricas e étnicas que se relacionam com uma determinada cultura, explicando ações de personagens, bem como as origens das coisas.

MITO 1:

Essa história foi contada por Mestre Naldo no decorrer de uma de nossas entrevistas, a história inicia-se com um “dizer” um ditado popular que condiz em falar que “quem caça, acha”.

“Em um certo dia Naldinho e um companheiro da comunidade resolvem caçar, em um local que a comunidade chama de Chapada, lá conhecido por ser um local misterioso “já contei aqui para os meninos que hora a gente já viveu no mato eu e outro caçador estávamos



sentados e o cachorro que nos acompanhava passava entre eu e ele e arrudiava como que a caça era nois, o cachorro caminhava de quatro patas, de costas e arrastava a barriga no chão e grunhia e caçava, ia lá e ia cá, e ai nois ficava oiando um pro outro ai tinha que nego puxar a facae pegar a pá por que a gente sempre caça com uma pá e uma enxadinha curta, e tirava a faca da bainha e surrava a pá com a faca, chega zínia, dava dum lado e do outro pra puder disariar o cachorro que tava ariado, acontecia muito do cachorro ir e acuar um pé de pau sem aos nossos olhos não ver nada lá. Já aconteceu muito de cachorro apanhar, o cachorro nos seus péranino e atracando e bradando e você sem poder fazer nada, ai fui atrás de um remédio pros cachorro, andamos um pouquinho ali assim na mata vimos ali um cupim, puxei um facão cortei um pedaço pedi pra acenderem um fogo, eu peguei umas trança de alho e butei dentro do fogo e chamei os cachorro pra defumar, quando eles tornaram, não viajamos 300 metros quando cuidou que não ele acuou um tatu, é o que eu digo, a noite é assim, se você se encabular é pior.”

Mito 2:

História contada por Inácio.

“Tem a caça que ela é mandingueira tem a lambu, ela é roxinha, quando ela deita no chão que ela abre o focozinho no rabo dela, tu pode atirar, que não tem quem acerte, ela só faz se sacodir, lembro que um dia quando fui caçar foi desse jeito, mas ai quando eu ia desistindo foi que eu lembrei, peguei na capanga um bolinho de cera de cupira, peguei passei na bala e esfreguei mermo assim ó, quando botei a bala na espingarda que atirei, não deu noutra, chega abriu foi as banda, acertei em cheio, do mesmo jeito é com a bucha de malva verde, se você atirar e não tiver acertando, é só botar na boca da espingarda, atira certo na hora, mas pra isso você tem que conhecer a mata, as faces da mata pra poder fazer isso.”

Os animais silvestres que são caçados na comunidade consistem na finalidade apenas alimentícia, após sua captura são sacrificados e tratados de modo que são limpos e preparados para consumo, durante o campo foram registradas várias espécies, sendo apenas algumas dentre grande número de espécies que habitam o bioma da Caatinga, isso hipoteticamente pode ser o resultado de uma possível prática excessiva da caça.

Lima (2008) ressalta que os caçadores têm procedimentos de caça envoltos em cuidados e prescrições que são de suma importância para a carreira bem sucedida de um caçador, são



estratégias que requerem tempo para serem aprendidas e que são tradicionalmente passadas de pai para filho.

O IBAMA (2018) possui uma lista oficial para manter atualizadas quais espécies estão em perigo de extinção ou mesmo já foram dizimadas e outras seções voltadas para o estudo periódico de regiões onde os moradores já dão indícios de quais espécies estão em maior dificuldade de serem encontradas. A comunidade se atenta a esses riscos e toma como objetivo controlar a prática excessiva da caça.

Percebe-se que através de gerações as populações tradicionais acumulam um conhecimento sobre o ambiente que os cerca, pois observam os fenômenos da natureza, de modo que interagem social e culturalmente com a fauna e a flora, essas interações permitem estratégias de reprodução da vida social, nessas comunidades as crianças tendem a imitar seus pais em sua relação com a fauna e com a flora, de modo que o colher frutos, raízes, caçar, pescar, são ações construídas através da imitação, reconhecendo através de um processo de técnicas de reconhecimento das plantas e dos hábitos dos animais (MENEGALO; PEREIRA, FERREIRA, 2012).

Considerações finais

Os métodos de caça mais utilizados pelos caçadores para os animais que pertencem à lista foram o de espingarda para as aves voadoras de médio porte, estilingue para as aves voadoras de pequeno porte, e a arapuca para os roedores. A morte pela espingarda e baladeira, é instantânea, assim quando o alvo acertado a presa já está baleada, diferente da arapuca que o caçador ao pegar a presa terá que sacrificá-la para alimentar-se.

Pode-se identificar que os caçadores entrevistados possuem conhecimento da ilegalidade das atividades; no entanto, a maioria não teme a fiscalização e possíveis visitas de órgãos de fiscalização, apreensões etc. Durante a entrevista é notório a liberdade que se é tratado o assunto na Comunidade, sem nenhuma restrição qualquer, desde que a prática se inicia desde a juventude até a terceira idade como forma de subsistência e servindo assim de alimento para os moradores da Comunidade.

Assim como no presente estudo, o padrão da caça em outras áreas do semiárido brasileiro difere do que ocorre nas florestas tropicais úmidas, devido ao porte dos animais que habitam em cada bioma, assim como no serrado as caça é voltada para animais de pequeno e



médio porte, enquanto na mata atlântica. Por exemplo, na Amazônia oriental, as espécies de mamíferos de médio e grande porte foram os principais alvos da caça, sendo a pressão cinegética proporcional à massa corporal do animal.

É nítida a prevalência da caça de animais silvestres no semiárido Piauiense é um fator reconhecido como natural por subsistência, desde que na Comunidade Quilombola Custaneira não seja permitido o comércio dos animais capturados ou mortos. O número de caçadores que frequentam a área foi reduzido expressivamente devido a restrições exigidas pela comunidade. A caça, na área pesquisada, continua, mesmo diante de suas implicações legais. O abate de mamíferos e aves é prioritariamente direcionado para o consumo de carne.

Hoje a caça na região está ligada ao prazer patriarcal, onde a visão que o homem deve sair à procura de alimento para o sustento da sua família. Não que as mulheres sejam proibidas de caçar, mas sim por que elas têm um papel importante no preparo da caça para a refeição, não existe um método especial e nenhum culto e muito menos oferenda para o preparo, são apenas modos os quais foram repassados de família à família como forma de manter tradições.

Referências

- ARAÚJO, P. C. Representações da luta e da resistência negra no Quilombo Manoel Congo na literatura de cordel. **Revista de Estudos Eletrônicos Terra Roxa**, v. 21, n. 131, p. 1-136, 2011.
- BRANDIM, Sergio Romualdo Lima. **Romeiro e Fé: um estudo sobre o santuário de Santa Cruz dos Milagres**. (Dissertação do Curso de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Letras-UFPI); Teresina-PI, 2007.
- BERNARD, H. R. 1994. **Research methods in anthropology**. 2nd ed. Walnut Creek, CA: Altamira.
- CAMPOLIM, S. **Candomblé no Brasil: orixás, tradições, festas e costumes**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/candomble-no-brasil-orixas-tradicoes-festas-e-costumes/>. Acesso em: 15 out. 2019.
- COELHO, R. F. G. **As educações escolar e social na formação da identidade racial de jovens nos quilombos de São João do Piauí**. 2013. 229f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.



CBRO. **Aves do Brasil**, 2015. Disponível em:< <http://www.cbro.org.br/lista.htm>>. Acesso em: 22 de nov. 2019

DESCOLA, P. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, v. 4, n. 1, p. 23-45. 1998.

DEUS, José Antônio Souza de; TUBALDINI, Maria Aparecida dos Santos; CAMPOS, Mariana Pereira. **Etnossustentabilidade e Percepção Ambiental na Comunidade Quilombola de Barro Preto/ MG**. 2009.

DOMINGUES, A. V. **Tutela Jurídico-Penal Dos Animais Ante A Liberdade Religiosa: O caso do sacrifício de animais no estado do Rio Grande do Sul**. Monografia, Rio Grande do Sul, 2015.

ELIADE, M. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FIGUEIREDO, R. A. A. de; BARROS, F. B. Sabedorias, cosmologias e estratégias de caçadores numa unidade de conservação da Amazônia. **Desenvolv. Meio Ambiente**, v. 36, p. 223-237. 2016.

_____. Caçar, preparar e comer o ‘bicho do mato’: práticas alimentares entre os quilombolas na Reserva Extrativista Ipaú-Anilzinho (Pará). **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 11, n. 3, p. 691-713. 2016.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, Artmed, 2009.

FAUNA.CTFB,2019.Disponívelem:<<http://fauna.jbrj.gov.br/fauna/listaBrasil/PrincipalUC/PrincipalUC.do?lingua=pt>>. Acesso em: 27 nov. de 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999. 176p.

IBGE. **Paquetá do Piauí**, 2015. Disponível em:<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/paqueta-do-piaui>>. Acesso em: 04 out. de 2018.

IBAMA. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 2018. Disponível em <http://www.ibama.gov.br>. Acesso em 11 de maio de 2018

INCRA. **Quilombolas**, 2003. Disponível em.< <http://www.incra.gov.br/quilombola>>. Acesso em: 27set. de 2018.

LEAL, R. I. **Ecologia e conservação da caatinga**. Ed. Universitária da UFPE. Recife.2003. 108p.

LEITE, F C. A liberdade de crença e o sacrifício de animais em cultos religiosos. **Veredas do Direito**, Belo Horizonte. v.10. n.20. p.163-177. 2013.



- LIMA, Edilene Coffaci de. **Cobras, xamãs e caçadores entre os Katukina (pano)**. Tellus, ano 8, n. 15, p. 35-57. 2008.
- LOPES, M. A. **Urgências na educação das comunidades quilombolas**. Disponível em: <<http://www.acordacultura.org.br/artigo-12-09-2011>>. Acesso em: 26. Out. de 2018.
- MARTINS, Cristian Farias. **Fronteiras da liberdade: o campo negro como lugar da identidade quilombola no Brasil**. 2012 Disponível em :<http://iberystyka.uw.edu.pl/pdf/Itinerarios/vol-7/12_Farias.pdf>. Acesso: 26. Jul. 2019.
- MENEGALDO, Luciana Raffi; PEREIRA, Henrique dos Santos; FERREIRA, Aldenor da Silva. **Os bichos e os homens: interações socioculturais com a fauna silvestre em uma comunidade amazônica**. Somanlu. Ano 12. Nº 1. Jan/jun. 2012.
- METRING, R. A. **Pesquisas Científicas: planejamento para iniciantes**. Curitiba: Juruá, 2009. 189p.
- MESQUITA, G.P. & BARRETO, G.P. Evaluation of mammals hunting in indigenous and rural localities in Eastern Brazilian Amazon. **Ethnobiology and Conservation**, v. 4: 1-14. 2015
- ORO, A. P.; CARVALHO, E. T.; SCURO, J. O Sacrifício de Animais nas Religiões Afro-Brasileiras: uma polêmica recorrente no Rio Grande do Sul. **Religião e Sociedade**. v. 37, n. 2, p. 229-253, 2017.
- PARDO, Aristides Leo. **A escravidão no Brasil Colônia, as relações entre cativos e a paulatina chegada da liberdade**. 2007. http://www.nethistoria.com.br/pdf/1118/a_escravidao_no_brasil_colonia_as_relacoes_entre_cativos_e_a_paulatina_chegada_da_liberdade/. Acesso: 23. Nov. 2019.
- PERES, C.A. **Evaluating the impact and sustainability of subsistence hunting at multiple Amazon forest sites**. In: Roninson, J. & Bennett, E. (Eds.). Hunting for sustainability in tropical forest. New York. 31-562000.
- PEZZUTI, Juarez Carlos Brito. Et al. **A caça e o caçador: uma análise crítica da legislação sobre o uso da fauna por populações indígenas tradicionais na Amazônia**. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. 2018.
- PROENÇA, W. L. **Escravidão no Brasil: Debates Historiográficos Contemporâneos**. 2013. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br/Home/Eventos/SemanadeHistoria/wander>>. Acesso em: 23. Nov. 2018.



RIBEIRO, Ana Sílvia Sardinha. **Utilização dos recursos naturais por comunidades humanas do Parque Ecoturístico do Guamá, Belém, Pará.** *ACTA Amazônica*. v. 37, n. 2, p. 235 – 240, 2007.

ROCHA, S. A. O significado do sacrifício para as religiões de Matriz africana: estudos sobre direito dos animais e o princípio da constitucional da liberdade Religiosa. Opinião. **Jornal Atarde**, Salvador, 2014. 26 f.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli and CARVALHO, Maria Celina Pereira de. **Atualização do conceito de Quilombo: Identidade e território nas definições teóricas**. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/n10/16889.pdf>>. Acesso: 26. Out. 2018.

SILVA, Vanessa Pacheco. M.S. V.D. G.F. J. R. **Quilombo do Morro do Boi (Balneário Camboriú - SC): relação histórica entre a comunidade e o meio ambiente**. Revista Eletrônica do Grupo de Pesquisa *identidade!* da Escola Superior de Teologia – EST. Disponível em: <<http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/identidade>> Acesso em: 26. Jul. 2019.

VIEIRA, T. R.; SILVA, C. H. O sacrifício animal em rituais religiosos ou crenças. **Revista de Biodireito e Direito dos Animais**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 97 – 117. 2016. Disponível em http://www.ufrgs.br/fitoecologia/lorars/open_sp.

Trabalho apresentado em 16/01/2020

Aprovado em 30/03/2020